

Jogos Olímpicos na imprensa carioca: primeiros momentos (1890 a 1910)¹

Fausto Amaro²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Neste artigo investigo a recepção aos Jogos Olímpicos na mídia impressa carioca das décadas de 1890 e 1900. Para tal análise, selecionei quatro jornais e uma revista: *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã*, *Gazeta de Notícias*, *O Paiz* e *Revista da Semana*. No decorrer da pesquisa, foi possível estabelecer quatro categorias para um melhor entendimento dos jogos olímpicos, quais sejam: a) jogos olímpicos organizados pelo Comitê Olímpico Internacional; b) outros jogos olímpicos (eventos não-oficiais); c) jogos olímpicos enquanto divertimento (exibições esportivas em eventos comemorativos) e prática artístico-cultural; d) jogos olímpicos enquanto tema de comparação e palavra de uso corrente. No presente trabalho, o foco recairá na primeira categoria.

Palavras-chave

Jogos Olímpicos; esporte; narrativas jornalísticas; imaginário.

Introdução

Em meados do século XIX, o legado esportivo dos antigos gregos encontrava muitos admiradores europeus, como atestam as diversas tentativas de organização de jogos olímpicos³ naquele continente (GUTTMANN, 1994, p. 120-121). O mais bem-sucedido dentre eles foi Pierre de Freddy, o barão de Coubertin. Em 1894, Coubertin organizou um congresso na Universidade de Paris-Sorbonne para deliberar sobre a recriação dos Jogos Olímpicos e apontar sua primeira sede. Atenas foi a cidade escolhida. Desde então, as Olimpíadas experimentaram uma contínua ascensão em número de esportes, nações e atletas participantes, e o Comitê Olímpico Internacional (COI) se tornou detentor da marca “Jogos Olímpicos”.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UERJ, com bolsa FAPERJ. Mestre pela mesma instituição, com apoio da Capes; pesquisador associado ao Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME/Uerj) e membro do grupo “Esporte e Cultura”, cadastrado no CNPq. Email: faustoamaro@outlook.com

³ Esclareço as distinções de grafia que faço quando emprego a expressão “jogos olímpicos”. Para evitar ter de repetir a todo momento “jogos olímpicos organizados pelo COI”, optei por grafá-lo com letras maiúsculas: Jogos Olímpicos. Em relação aos demais jogos olímpicos, que não são abordados neste artigo, e quando faço referência aos jogos em geral (tanto os oficiais quanto os não-oficiais), adoto a grafia com letras minúsculas.

A princípio, meu objetivo era investigar tão somente as narrativas jornalísticas sobre os Jogos Olímpicos de 1896 a 1908. Fui surpreendido, entretanto, ao descobrir um uso mais polissêmico da expressão. Naquela época, os Jogos Olímpicos organizados pelo Comitê Olímpico Internacional não eram os únicos que apareciam no discurso jornalístico. Pensando os jogos olímpicos enquanto campo (cf. BOURDIEU, 2004), é possível inferir que até aquele momento o COI era um ator preponderante, porém ainda não hegemônico. A partir dessa constatação, a pesquisa passou a tratar os jogos olímpicos de modo mais abrangente, enquanto movimento cultural, artístico e esportivo.

Das quatro categorias que elaborei para interpretar as menções aos jogos olímpicos, trabalho neste artigo com apenas uma delas. Trata-se dos Jogos Olímpicos organizados pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) nas décadas de 1890 e 1900.

Nas próximas páginas, forneço informações de contextualização sobre a história do Brasil, do Rio e, em especial, da imprensa à época; em seguida, reconstruo a trajetória dos Jogos Modernos, com ênfase em seus primeiros momentos; por último, exponho a metodologia de análise e apresento o relato da pesquisa.

A imprensa no cenário carioca

O ano anterior ao início da década de 1890 presenciou a transição do modelo de Estado brasileiro: da Monarquia à República. Boris Fausto (2006, p. 139) afirma que a transição Império – República foi suave quando comparada aos primeiros anos desta última, período no qual as forças de Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul disputavam a hegemonia política, juntamente com os militares.

As mudanças, à nível federal, ocorreriam em sequência: o governo republicano fora proclamado em 15 de novembro de 1889 e, em fevereiro de 1891, já tínhamos nossa Constituição (republicana, federativa, presidencialista, laica e liberal). A economia brasileira se baseava no café e, por isso, a porcentagem populacional que vivia nos campos ainda era elevada, bem como o número de imigrantes (espanhóis, italianos, portugueses e japoneses, principalmente) que trabalhavam nas lavouras. “Segundo o censo de 1920, de 9,1 milhões de pessoas em atividade, 6,3 milhões (69,7%) se dedicavam à agricultura, 1,2 milhão (13,8%) à indústria e 1,5 milhão (16,5%) aos serviços” (FAUSTO, 2006, p. 159).

Enquanto isso, no Rio de Janeiro, capital da República, e centro das grandes transformações sociopolíticas do período, as reformas urbanas de Pereira Passos modificavam profundamente a cidade. A modernidade carioca se manifestava com

intensidade na virada do século XIX para o XX, simultaneamente ao crescimento da cidade em direção à Zona Sul. A valorização da praia por razões médicas e enquanto lugar propício à prática esportiva justificava em parte esse deslocamento em direção ao mar (cf. BRANDÃO; MARTINS, 2008). A busca por hábitos saudáveis deixa entrever que os jogos olímpicos, tanto em seu exercício quanto em sua assistência, encontrariam campo propício na sociedade carioca.

A população da cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX e início do XX era a maior do Brasil e apresentava considerável índice de crescimento, como pode ser visualizado na tabela abaixo.

Tabela 1: Evolução quantitativa da população do Rio de Janeiro. Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1872, 1890, 1900. (1) População presente⁴.

Capital	1872	1890	1900	1920
Rio de Janeiro	274.972	522.651	811.443	1.157.873

Em 1872, apenas 16% da população brasileira era alfabetizada (CARVALHO, 2002, p. 22), “o maior índice de analfabetismo entre todos os países do mundo” (MARCHELLI, 2006, p. 10). No Rio de Janeiro, em 1890, a situação encontrava-se um pouco melhor: “a cidade tinha mais de 500 mil habitantes, e pelo menos metade deles era alfabetizada” (CARVALHO, 2002, p. 39). A porcentagem de leitores muito provavelmente era ainda menor que a de cidadãos alfabetizados, visto que: “Até o Censo de 1940, foi considerado analfabeto o que não sabia assinar o próprio nome; a partir de 1950, o critério passou a ser a incapacidade de escrever um bilhete simples” (MARCHELLI, 2006, p. 10). Desses dados é interessante extrairmos que o público leitor de jornais era extremamente reduzido, mesmo no Rio de Janeiro, capital da República recém-instaurada.

A alfabetização da população, conforme apontado por Jean-Yves Mollier (s/d, p. 8), é um requisito básico para a difusão das informações e massificação dos meios de comunicação. A indefinição das metrópoles europeias em torno do valor (positivo ou negativo) da leitura e da massificação dos *media* explica, segundo Mollier, o atraso das colônias em impulsionar suas próprias esferas massivas de comunicação.

Apesar da pequena população letrada, a vendagem diária dos jornais cariocas era relativamente alta: “Segundo informação do escritor Olavo Bilac, as cinco mais importantes folhas da cidade – o *Jornal do Brasil*, o *Jornal do Commercio*, *Gazeta de Notícias*, *Correio da Manhã* e *O Paiz* – tiram juntas 150 mil exemplares” (BARBOSA, 2007, p. 41, grifos da

⁴ Fonte: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6&uf=00>>. Acesso em: 01 dez. 2014.

autora). A *Gazeta de Notícias*, sozinha, possuía uma tiragem diária de 40.000 exemplares, como era informado na capa de sua edição do dia 13 de fevereiro de 1902⁵. Esses números do início da década de 1900, em um Rio de Janeiro com cerca de 800 mil habitantes, são reveladores do lugar privilegiado ocupado pelos jornais no cotidiano da cidade e na vida privada dos cidadãos.

Juntamente com a oralidade, fortemente presente em uma sociedade pouco letrada como o Rio da época, a mídia impressa construía imaginários⁶ sobre os eventos que narrava. O campo da imprensa era exemplar de um Rio de Janeiro que se pretendia moderno e em compasso com as notícias e inovações provenientes do mundo todo: “Os periódicos transformam gradativamente seus modos de produção e o discurso com que se autorreferenciam. *Passam a ser cada vez mais ícones de modernidade*, numa cidade que quer ser símbolo de um novo tempo” (BARBOSA, 2007, p. 22, grifos meus). Foi justamente no final da segunda metade do século XIX que inúmeras alterações tecnológicas aportaram na capital da República – cinematógrafo, fonógrafo, gramofone, daguerreotipo, linotipo, impressoras Marinoni. Os jornais noticiavam, com certo deslumbramento e entusiasmo, essas novidades, que impactavam diretamente o mercado midiático. O telégrafo, por exemplo, diminuiu o tempo de chegada das notícias internacionais ao Rio de Janeiro e dali para as demais regiões do país (cf. BARBOSA, 2007, p. 21). A Agência Havas, fornecedora de notícias telegráficas, possuía, desde o final do século XIX, um escritório no Rio de Janeiro e era responsável por alimentar alguns dos grandes jornais da capital, como veremos mais à frente.

A consolidação da imprensa representa para Jürgen Habermas a causa principal da transição de uma esfera pública representativa para uma esfera pública burguesa, o que, no contexto europeu, teria ocorrido ainda no final do século XVII: “quando a informação regular é pública, isto é, quando é acessível ao público em geral” (HABERMAS, 2014, p. 117). Nossa esfera pública comunicativa, por sua vez, parecia caminhar para sua consolidação apenas nessa transição do XIX para o XX, na medida em que as informações eram fornecidas por uma imprensa já estabelecida, porém a leitura, a interpretação e o consumo desse conteúdo ainda estavam restritos à pequena parcela da população.

⁵ Uma observação, entretanto, deve ser feita. Essa tiragem de 40 mil exemplares se mantinha a mesma desde, pelo menos, 1891.

⁶ O termo “imaginário” será utilizado algumas vezes ao longo desse artigo. Por isso, julgo necessário recomendar a leitura do livro *O imaginário: ensaios acerca das ciências e da filosofia da imagem* (DURAND, 2011) como uma entrada para o debate sobre o conceito de imaginário. Outra leitura importante, por trazer um histórico da utilização da palavra tanto no senso comum como enquanto conceito teórico, é a de Braczkó (1985).

Jogos Olímpicos: antecedentes

Píticos, Nemeus, Ístmicos, Panatenéias, Heranos e Fúnebres. Esses são os nomes de alguns dos Jogos que tinham lugar na Grécia do período helênico, epicentro social e político da Antiguidade. Organizavam-se jogos olímpicos como tributo religioso aos mais variados deuses do panteão grego. A Zeus, o Deus-maior do Olimpo, eram reservados os maiores e mais importantes. Os jogos olímpicos em sua homenagem começaram a ocorrer oficialmente a partir de 776 a.C. e possuíam periodicidade quadrienal (cf. GODOY, 2001; YALOURIS, 2004).

No berço do olimpismo, o culto ao corpo conjugava-se ao florescimento das ideias. Os gregos não ficaram conhecidos apenas pelo apreço ao esporte, mas também pelo desenvolvimento da democracia. Corpo e espírito estavam conjugados na *paidéia* ou educação integral. Nas academias, os gregos exercitavam o intelecto, enquanto, nos ginásios, os corpos eram cultivados (SENNETT, 2010, p. 45). Nas Olimpíadas pan-helênicas, os corpos nus, untados em óleo, eram a norma – uma regra cultural, conforme salientado por Gumbrecht (2007, p. 72).

Com o avanço do cristianismo no Império Romano, os jogos olímpicos passaram a ser vistos como eventos pagãos, deixando de ser realizados em 393 d.C., após mil e duzentos anos ininterruptos de ocorrência. O cristianismo, com seus valores mais espirituais que carnavais, rompia, assim, com os ideais do corpo perfeito, marcantes tanto na sociedade grega quanto na romana. Para os cristãos, pouco importava a aparência externa do homem, já que todos seríamos iguais perante a Deus (cf. SENNETT, 2010).

No período medieval, não havia uma separação clara entre forma e substância, corpo e espírito, vide a cerimônia católica de transubstanciação do corpo de Cristo pela hóstia, que pretendia, simbolicamente, torná-lo novamente “presente” (GUMBRECHT, 2010, p. 50-52). A nudez, entretanto, já não era mais tolerada: “É preciso aguardar a Renascença para que homens e mulheres da Europa condenem a nudez que praticam cada vez menos em público” (LE GOFF; TRUONG, 2012, p. 145). Estes dois autores apontam ainda para a inexistência do esporte organizado na Idade Média. O movimento olímpico moderno, enquanto ideário, vai se reportar, assim, à Antiguidade, e não à Idade Média.

Na Idade Moderna, mais especificamente durante o Iluminismo, intensificou-se o processo de depreciação do corpo e da atividade física, na mesma medida em que a mente e o intelecto eram mais valorizados: “A disseminação do livro impresso como meio de comunicação, desde o final do século XV, introduziu uma mudança estrutural que fez com

que as formas comunicativas passassem a excluir o corpo tanto quanto possível” (GUMBRECHT, 1998, p. 121).

Uma mudança de cenário começa a se esboçar com a crescente fascinação pelos esportes entre os séculos XVIII e XIX, graças à influência de autores como Goethe e Rousseau, que ressaltavam a importância da prática de atividades físicas. Nesse sentido, Gumbrecht afirma que: “O fato de que muitas montanhas famosas dos Alpes foram escaladas pela primeira vez por cavaleiros prósperos do final do século XVIII pode ser interpretado como sinal precoce de uma mudança cultural na direção dos sentidos e da experiência corpórea” (2007, p. 89-90). Com a Revolução Industrial, o lazer, enquanto atividade extracotidiana institucionalizada (fuga da rotina), passou a ser buscado por todos, e não somente pelas classes mais abastadas.

A valorização social do esporte coincidiu com o resgate do legado grego, em curso desde o século XV, durante o Renascimento. A “recriação” dos Jogos Olímpicos, no crepúsculo do século XIX, representou o ápice desse movimento. No cenário europeu do século XIX, pode-se dizer que o francês Pierre de Freddy era apenas um dos inúmeros admiradores das Olimpíadas Antigas. O Barão de Coubertin, como ficou mais conhecido, era também um entusiasta do esporte como instrumento pedagógico, conforme o modelo inglês, das possíveis contribuições da cultura helênica à contemporaneidade e do potencial do esporte como promotor da paz mundial. Por isso, Coubertin acalentava o desejo de recriar as tradições gregas como parte das festividades da virada do século XIX. Seu sonho torna-se realidade em Atenas, 1896, quando são realizados os primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna.

Em seus primeiros anos, as Olimpíadas foram prejudicadas pela frágil organização e pela baixa adesão dos países. Eram um evento menor no calendário mundial e ainda não atraíam grandes públicos nem participantes – em 1896, foram apenas 14 países e 241 atletas⁷. Tentando melhorar esse cenário, porém sem muito sucesso, as edições de 1900 e 1904 foram realizadas concomitantemente às Exposições Universais. Pivato (1994, p. 58) assume que somente a partir de 1912, em Estocolmo (Suécia), os Jogos adquiriram verdadeira notoriedade, tanto em termos de espectadores como de atletas e nações participantes. Gilmar Mascarenhas, por seu turno, aponta que até 1932 os “Jogos Olímpicos deixaram poucos vestígios na paisagem urbana, devido ao amadorismo reinante” (2011, p. 28). Estabelecendo marcos cronológicos, Rubio (2010) define as edições de Atenas/1896 a

⁷ Dados do COI. Fonte: <<http://www.olympic.org/athens-1896-summer-olympics>>. Acesso em: 26 jul. 2013.

Estocolmo/1912 como uma fase estabelecimento dos Jogos, isto é, um momento ainda “marcado pela aceitação da proposta olímpica” (RUBIO, 2010, p. 58).

O que me parece evidente nesse breve panorama e nos autores aqui elencados é o aspecto não-linear da história do esporte, a despeito de algumas continuidades, desde a Antiguidade até os dias atuais. Há uma oscilação entre períodos mais propícios ao esporte e outros de repressão às práticas corpóreo-desportivas. Se a recriação dos Jogos traz em si um elemento progressista à história do esporte, sua inspiração, paradoxalmente, encontra-se em eventos de um passado longínquo. Assim, me parece fazer mais sentido pensar a história dos Jogos Olímpicos pela ótica das proposições de Walter Benjamin (1985). Seu conceito de “tempo do agora”, a temporalidade dos momentos oportunos, em oposição à linearidade e à homogeneidade do historicismo tradicional, pode nos ajudar a compreender a “recriação” dos Jogos como um fato extraordinário, possibilitado, em larga medida, por um contexto favorável.

Explicando o método

Os jornais diários foram primordiais na introdução e difusão do esporte e dos Jogos Olímpicos na metrópole carioca. Logo, explorar os significados destes últimos por meio dos discursos elaborados pelos primeiros se apresenta como uma fonte profícua de investigação.

A metodologia utilizada no presente trabalho pode ser compreendida em duas etapas complementares. Primeiro, efetuei uma análise de conteúdo através da leitura e classificação das matérias. Em seguida, foi possível estabelecer quatro categorias que resumem o contexto de aparecimento dos jogos olímpicos nas páginas dos periódicos. A pesquisa quantitativa de conteúdo foi conjugada a um estudo qualitativo das narrativas jornalísticas (cf. CHARAUDEAU, 2013).

O trabalho em um grande intervalo temporal foi bastante facilitado pela busca por palavras-chave disponibilizada pelo sítio on-line da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional⁸. Isso posto, para obter alguns parâmetros iniciais do conteúdo a ser investigado, realizei uma busca por cinco termos-chave em jornais do Rio de Janeiro no intervalo entre as décadas de 1890 e 1900. Os resultados (tabela 1) ilustram a inserção da temática olímpica na mídia impressa nesse período.

⁸ Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>.

Tabela 2: Pesquisa por palavras-chave realizada na Hemeroteca Digital da BN.

Palavra-chave	Período	Amostragem (total de jornais/total de páginas)	Total de Ocorrências ⁹
jogos olympicos	1890 a 1899	163 / 872.893	61
	1900 a 1909	150 / 1.175.079	149
olympiada	1890 a 1899	163 / 872.893	24
	1900 a 1909	150 / 1.175.079	40
olympiadas	1890 a 1899	163 / 872.893	7
	1900 a 1909	150 / 1.175.079	19
coubertin	1890 a 1899	163 / 872.893	2
	1900 a 1909	150 / 1.175.079	5
jogos gregos	1890 a 1899	163 / 872.893	0
	1900 a 1909	150 / 1.175.079	1

Após essa pesquisa exploratória, escolhi como fontes de análise quatro jornais e uma revista (nome do periódico/período disponível para consulta): *Gazeta de Notícias* (1875 a 1956); *O Paiz* (1884 a 1934); *Jornal do Brasil* (1891 a 2012); *Correio da Manhã* (1901 a 1974) e *Revista da Semana* (1900 a 1959). Os principais critérios para essa escolha foram a representatividade do veículo na sociedade carioca de então e a atenção dispendida aos jogos olímpicos¹⁰.

Tabela 3: Dados sobre o aparecimento de palavras-chave nos jornais pesquisados. A busca foi realizada na semana de 24 a 28 de novembro de 2014¹¹.

Periódico	Década	Coubertin	Jogos olympicos	Olympiada	Olympiadas	Jogos Gregos
<i>Revista da Semana</i>	1900	0	5	0	2	0
<i>Correio da Manhã</i>	1900	0	18	5	1	0
<i>Jornal do Brasil</i>	1890	0	11	2	1	0
	1900	3	46	9	0	0
<i>O Paiz</i>	1890	0	7	1	0	0
	1900	0	22	2	1	1
<i>Gazeta de Notícias</i>	1890	1	13	3	0	0
	1900	1	22	4	1	0
TOTAL		5	144	26	6	1

Destaco ainda que as narrativas aqui estudadas não devem ser pensadas enquanto verdades absolutas sobre o passado, mas como textos inseridos dentro de uma estrutura discursiva particular e emoldurados pelo contexto de sua época.

⁹ Ocorrência equivale ao aparecimento da palavra-chave pesquisada em uma página de uma edição de dado periódico.

¹⁰ A *Gazeta da Tarde*, apesar de ter sido analisada, foi excluída deste artigo por não apresentar ocorrências na categoria posta em destaque nesse artigo.

¹¹ A base de dados da Hemeroteca é constantemente ampliada, com a incorporação de novos periódicos e o acréscimo de edições aos jornais já componentes do acervo. Por isso, é premente a sinalização do período em que a pesquisa foi efetuada. Fonte: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>>.

Estudo de caso: os Jogos Olímpicos na imprensa carioca

As décadas de 1890 e 1900 testemunharam quatro edições dos Jogos Olímpicos: Atenas/1896, Paris-1900, St. Louis-1904 e Londres-1908. A realização das Olimpíadas no eixo Europa-América do Norte, juntamente com a ausência de atletas brasileiros, que começaram a participar apenas em 1920, podem justificar a baixa incidência de notícias relacionadas às Olimpíadas no período estudado. Isso posto, o *Jornal do Brasil* apareceu nas minhas pesquisas como o periódico que mais publicou informações sobre o evento organizado pelo COI, fazendo jus à reputação de jornal “preferido dos apaixonados pelo esporte” (MELO, 2012, p. 31). No total, foram, pelo menos¹², nove referências na década de 1890 e dezoito na de 1900.

Antes de realizar os primeiros Jogos, em Atenas, Pierre de Coubertin havia organizado um Congresso na Universidade de Sorbonne (Paris). O encontro instituiu as bases do olimpismo moderno, bem como designou a primeira sede dos Jogos. O único periódico a noticiar o I Congresso do Comitê Olímpico Internacional, realizado no ano de 1894, foi *O Paiz*. A seção “Carta Pariense” trazia notícia da França, datada de 19 de junho e assinada por Xavier de Carvalho (a maioria das matérias na época eram anônimas, por isso saliento essa informação): “Abriu-se em Paris, o congresso internacional de jogos athleticos para preparar as bases de uma regulamentação internacional que servirá na realização dos *jogos olympicos modernos entre as nações do mundo civilizado*” (*O Paiz*, 05/08/1894, p. 8, grifos meus).

Para além do atraso na chegada da informação, em mais de um mês, merece ser evidenciado o pré-requisito para a participação nos Jogos recém-instituídos: pertencer ao dito mundo civilizado. Essa distinção, com certeza, seduzia os leitores dos jornais à época, eles mesmos formadores de um público diferenciado diante de uma nação que pouco lia. Quero aqui fazer uma pausa para explicar de onde surge essa minha observação. Ela é devedora do pensamento que entende o texto, seja literário ou jornalístico, enquanto produto da interação autor-leitor (cf. ISER, 2013) e do entrecruzamento dos diferentes tempos (mimeses) narrativos em um evento particular (cf. RICOUER, 1994). No caso acima, a função mediadora exercida pel’*O Paiz* é, em larga medida, dependente das apropriações feitas pelos seus leitores, em diferentes tempos históricos, pois, como sabemos, o objeto notícia está em constante fluxo de ressignificações. A leitura por um estudante de doutorado, no ano de 2015, com certeza difere daquela realizada por um leitor de 1894. Isso nos encaminha a um segundo aporte metodológico, essencial de ser frisado

¹² Falo em “pelo menos”, pois o acervo da *Biblioteca Nacional* está em constante aprimoramento e ampliação. No *Correio da Manhã* foram ao menos seis referências aos Jogos organizados pelo COI; n’*O Paiz*, sete; na *Gazeta de Notícias*, seis; na *Revista da Semana*, duas.

antes da continuação da análise. Minha interpretação das narrativas deve ser compreendida dentro do contexto de onde escrevo e enquanto um relato possível (existem outros) para as intencionalidades de inscrição e recepção dos textos à época em que foram escritos.

De volta ao Jogos Olímpicos, adentramos na inauguração do evento propriamente dito. Os Jogos de Atenas aparecem em especial no *JB*. A “Seção de Telegrammas”, através do “Serviço especial do Jornal do Brasil”¹³, era a principal responsável por fornecer informações provenientes da capital grega. No dia 25 de março de 1896, já era possível ler sobre o andamento da competição, que atraía um público considerável para sua primeira edição: “Athenas, 24. – Estiveram concorridíssimos os jogos olympicos aqui realizados. Mais de quarenta mil pessoas foram assistir a esta imponente festa. Na corrida a distancia o campeão percorreu a distancia marcada em 3 horas e 18 segundos [...]” (*JB*, 25/03/1896, p. 1). É importante observar que as notas telegráficas vindas das agências de notícia deixavam pouca margem para que os periódicos cariocas elaborassem matérias mais extensas sobre os eventos olímpicos. Por outro lado, nota-se um uso intenso de adjetivos nas descrições, o que pode ser interpretado como uma marca do fazer jornalístico de então e que, de certa forma, permanece ainda hoje no jornalismo esportivo.

Os Jogos Olímpicos nesses primeiros momentos serviam de cenário para o encontro da nobreza europeia – uma bela representação desse ambiente pode ser apreciada no filme *Carruagens de Fogo* (1981). Esse entrecruzamento de campos sociais reforça a necessidade de estudar a prática e o consumo de jogos olímpicos enquanto reveladores não apenas dos meandros esportivos que lhe são inerentes, mas também, e principalmente, a forma como outros aspectos da dinâmica social acabam nele se inserindo. Nesse sentido, é interessante lermos a seguinte nota, veiculada na coluna “Notícias Estrangeiras”, que noticia, com certo tom de columnismo social, a chegada de um convidado ilustre aos Jogos: “Um jornal de Athenas diz que é muito possível que o jovem rei da Servia seja hospede do soberano da Grecia por ocasião das festas dos jogos olympicos, sendo, porém, o fim principal da viagem os esponsaes do rei da Servia com uma filha do rei Jorge da Grecia” (*JB*, 02/04/1896, p. 3). Percebe-se também nesse trecho o anacronismo da informação. Poderíamos muito bem tomá-lo como um relato saído de missivas trocadas entre diplomatas durante a Idade Média.

O intervalo de mais de um milênio entre o fim dos Jogos da Antiguidade e o início dos Jogos Modernos tornava necessária a elaboração de novos imaginários para

¹³ No *JB*, havia duas modalidades de notas telegráficas, ou melhor, duas fontes: uma era o “Serviço Especial do Jornal do Brasil”, que obtinha informações através de “correspondencias vindas de Portugal (capital, ilhas e províncias), de Paris, Roma, Madrid, etc.”; e a outra era o “Serviço da Agencia Havas” (01/01/1905, p. 5), que não era exclusivo, pois prestava serviços também para os demais veículos aqui investigados.

acompanhar as narrativas sobre o evento. Paradoxalmente, a escolha discursiva para tratar dos novos Jogos foi justamente conferir-lhe um caráter de tradição, a despeito de estarem debutando no cenário europeu e mundial. No trecho a seguir, em referência à abertura oficial das Olimpíadas, saliento o interesse do periódico em construir essa memória linear e evolutiva para os Jogos: “Athenas, 6. – Começaram aqui os *tradicionnaes* jogos olympicos, que despertam, como *de costume*, o maior interesse” (*JB*, 6 e 7/04/1896, p. 1, grifos meus). A crítica de Benjamin (1985) à linearidade e ao caráter teleológico do processo historiográfico tradicional encontra-se aqui exemplificada pelo próprio texto jornalístico.

Para além das notas, curtas e objetivas, nos é possível acessar também artigos de opinião, como o de Fantasio, nome ou pseudônimo do autor de “Jogos Olympicos”, que aparecia na capa da *Gazeta de Notícias* em 08 de abril de 1896. Se de início o autor demonstra uma falsa emoção com o (re)estabelecimento dos Jogos, logo em seguida passa a permear seu texto de ironia e escárnio ao comentar os bastidores do evento.

Ai! palavra de honra! a gente tem vontade de chorar quando lê, no serviço da *Havas*, que no dia 6 de abril de 1896, no anno dos raios X de Rontgen, começam, em Athenas, os jogos olympicos com a assistencia da família real da Grecia...Mais a vontade de chorar cessa logo, para ceder o logar a uma grande e irresistível vontade de rir [...] E imagina-se, então, o que por lá vai...N’uma tribuna, vê-se o rei da Grecia, fardado, com botões e galões na farda e rheumatismos nos artelhos; e vê-se mais a rainha, decotada, civilisada, empoadada, enluvada, mastigando *bombons marquis* [...] “Começaram aqui os tradicionnaes jogos olympicos...” E a gente desafoga n’uma grande gargalhada... (*Gazeta de Notícias*, 08/04/1896, p. 1, grifos do jornal).

Novamente a seção “Telegrammas” (Serviço especial do “Jornal do Brasil”), em nota com o título “Jogos olympicos. Inauguração”, foi responsável por anunciar a abertura dos Jogos de Paris-1900: “Paris, 16. Por iniciativa do sr. barão de Camberlain foram inaugurados os jogos olympicos. A elles concorreram setenta francezes e cincoenta estrangeiros” (*JB*, 16/05/1900, p. 1). A mesma seção do *JB*, em um modelo de nota semelhante, também publicou as aberturas dos Jogos de Saint Louis/1904 e Londres/1908.

O baixo envolvimento dos países da América Latina nos Jogos Olímpicos captava a atenção das instituições responsáveis pelo esporte na região. Até 1900, os seguintes países haviam participado de apenas uma das duas edições até então realizadas: Argentina (1900), Chile (1896), México (1900) e Cuba (1900). Diante disso, os Jogos de 1904, realizados em St. Louis/EUA, representaram uma oportunidade até então única para o continente americano. Nesse sentido, a notícia “Pela Diplomacia” informava que: “O Congresso Pan-Americano do Mexico resolveu, por unanimidade, convidar os diversos paizes nelle representados a que

tomem parte nas festas que serão realizadas em Chicago no anno de 1904 pela Sociedade Internacional de Jogos Olympicos” (*JB*, 13/02/1902, p. 2). A mesma notícia, em uma versão estendida, foi publicada na *Gazeta de Notícias*, destacando-se o mérito da “Sociedade Internacional de Jogos Olympicos”: “[...] A instituição é uma verdadeira ressurreição das mais gloriosas tradições da Grecia Antiga” (*Gazeta de Notícias*, 13/02/1902, p. 1).

Os Jogos de Londres-1908 contaram com a mais extensa cobertura até aqui. O *Correio da Manhã* (16/04/1907, p. 1) e a *Revista da Semana* (14/04/1907, s/p.) publicaram notas semelhantes sobre a infraestrutura da cidade que receberia as competições esportivas. Esse interesse jornalístico pela preparação da cidade-sede aponta para uma renovada atenção aos fatos olímpicos e para um maior reconhecimento do evento organizado pelo COI. O título da matéria na *Revista da Semana* – “Um circo monstro” – deixava evidente dois elementos daqueles Jogos. A qualificação do estádio enquanto um monstro dimensiona o seu tamanho e a quantidade de público aguardada para assistir às provas olímpicas. Não me parece haver aqui qualquer analogia pejorativa na associação entre esporte e circo, tese esta que ficaria famosa nas análises marxistas das ciências sociais brasileiras nas décadas de 1970 e 1980. Nas décadas de 1890 e 1910, como tenho percebido, há uma aproximação entre as práticas conhecidas como “jogos olympicos” e aquelas provenientes das artes (principalmente, do circo). No caso do excerto a seguir, a escolha do termo relaciona a futura arena londrina às suas correspondentes na Grécia antiga: “Diz o ‘Daily Mail’ que se vae construir em Londres um circo verdadeiramente colossal, destinado a jogos olympicos e que comportará cerca de 160000 pessoas. Este circo abrange uma área nove vezes mais espaçosa do que a do maior que existiu na antiga Grecia” (*Correio da Manhã*, 16/04/1907, p. 1).

Ao contrário das Olimpíadas de 1900 e 1904, os Jogos de Londres não estavam subordinados a um evento maior, como havia sido o caso das Exposições Universais. Não obstante, percebe-se a clara associação subordinativa que é feita entre os Jogos de 1908 e a Exposição Franco-inglesa: “Está se preparando na cidade de Londres uma grande exposição anglo-franceza [...] Haverá jogos olympicos, que serão celebrados em um colossal ‘stadium’, qual poderá contar 80.000 espectadores” (*JB*, 29/12/1907, p. 5). A mesma disputa por espaço e relevância aparecia na *Revista da Semana*, que, no dia 23 de agosto de 1908, publicou uma matéria de página inteira, na qual os Jogos Olímpicos londrinos dividiram a atenção do leitor com a referida exposição, com clara vantagem para esta última: “Hoje publica a *Revista da Semana* o panorama geral da exposição em que se destaca o *Stadium* destinado aos jogos olympicos” (23/08/1908, s.p.).

Ao fim dos Jogos londrinos, o *JB* publicava um extenso artigo, que ocupava duas colunas, discorrendo sobre o encerramento do evento e fornecendo uma imensa lista com o nome dos atletas vencedores em todos os esportes e os tempos por eles obtidos¹⁴. O título principal era, na verdade, formado por cinco subtítulos, a saber: “Jogos Olympicos. O Grande Certamen de Londres. A Quarta Olympiada. Terminação das provas. Entrega dos prêmios”. Na matéria, destaco os seguintes trechos:

[...] Dous mil atletas e 20 nações concorreram para combater sem armas e em paz e, ainda mais, não houve vencedores, nem vencidos, porque não os ha em *sport*. [...] No *stadium*, 2.000 jovens representavam a affeição do genero humano pelos exercícios physicos. A prova mais cabal, irrefutavel, é que de todos esses mancebos, não havia um só que fizesse profissão de sua habilidade ou de sua destreza. [...] Apesar da perfeita organização das olympiadas, não faltaram entretanto protestos de alguns, e esses mesmos, poucos, é verdade, synthetizaram toda a critica que sobre ellas pesavam [...] O *sport* não só exercita os músculos, como tambem educa a intelligencia e aperfeiçoa o character [...] O *sportsman* é, geralmente, homem dotado de character, sempre cordato e respeitador. Queremos despertar os jovens dos centros urbanos? Inspirae-lhes o gosto pelos jogos ao ar livre e elles necessariamente a isso se entregarão de muito boa vontade. Assim teremos uma mocidade forte e capaz de enfrentar a vida com coragem e resignação. E foi o que se verificou em Londres. (07/09/1908, Seção de Sports, p. 12, grifos do jornal).

O pacifismo e o amadorismo, em destaque nos trechos transcritos, estavam entre os ideais iniciais de Pierre de Coubertin. Nesse sentido, o jornal exerce um papel de fomentador dos valores olímpicos. Observa-se ainda a existência de opiniões divergentes quanto aos Jogos já em 1908, que incidiam principalmente sobre o caráter não utilitarista das disputas atléticas. A figura do *sportsman*, no entanto, colaborava para a formação de uma imagem favorável aos Jogos, uma vez que inspiravam mais indivíduos a adotar uma conduta saudável de vida, servindo também de modelo para o exercício da boa cidadania. Assim, os Jogos pareciam atender aos propósitos dos jornais no período estudado, interessados não apenas em ampliar o público consumidor de conteúdo esportivo, mas em estimular a prática esportiva e contribuir na construção de uma sociedade civil “civilizada”, conforme o modelo europeu.

Apontamentos conclusivos

A evolução quantitativa dos Jogos Olímpicos, em número de esportes, países, atletas e rendimentos parece apontar para um progresso inevitável do evento, pautado por quebras de recordes e grandes momentos. No entanto, os números não deixam evidentes as diversas

¹⁴ O *Correio da Manhã* do dia 17 de julho de 1908, em sua coluna “Pelo telegrapho”, também trazia uma nota sobre os jogos que ocorriam na Inglaterra, porém em dimensões mais modestas e conteúdo idem.

tramas que conduziram os Jogos Olímpicos Modernos em seus mais de 100 anos de história, e mesmo sua inspiração em eventos iniciados antes do controle do tempo pelo calendário cristão. Isso nos conduz a seguinte indagação: quais imaginários eram acionados pela imprensa para lidar com esses primeiros Jogos Olímpicos?

Pelo que observei ao longo da pesquisa, posso apontar alguns imaginários mais perceptíveis. Os Jogos eram vistos como a continuação do legado de um dos períodos mais idealizados da história humana: a Grécia antiga. Ato contínuo, justifica-se o caráter tradicional acoplado muitas vezes às narrativas sobre o evento. Afinal, tratava-se de um evento ainda carente de um repertório próprio de ritos, história e simbolismos que fornecessem subsídios para elaboração de textos jornalísticos atraentes. Sendo um produto das nações mais proeminentes do Ocidente, os Jogos aparecem associados com a noção de *civilização*. Isso os tornava um dos primeiros e mais bem-sucedidos produtos culturais globalizados do século XX, visto que resta pouca dúvida quanto ao caráter internacionalizador das Olimpíadas no decurso de suas edições, exportando para o restante do mundo não apenas o esporte, como a cultura europeia. A promoção de um lazer controlado e o culto de corpos saudáveis, para além dos valores olímpicos (pacifismo, amadorismo, *fair-play*/cavalheirismo) pareciam seduzir os periodistas, constituindo-se em outro dos eixos argumentativos estruturantes nas matérias.

Por fim, registro que ainda há muito a ser pesquisado sobre esse profícuo tema, principalmente se levarmos em conta a escassez da produção acadêmica em Comunicação sobre os jogos olímpicos. A letra impressa continua sendo uma fonte essencial de acesso às narrativas sobre o passado.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900-200**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política – Ensaio sobre Literatura e História da Cultura**. Obras Escolhidas – São Paulo, Brasiliense, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BACZKO, Bronislaw. “A imaginação social” In: LEACH, Edmund et al. **Anthropos-Homem**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BRANDÃO, Helena Câmara Lacé; MARTINS, Angela Maria Moreira. O Rio de Janeiro do século XX: A expansão da cidade do centro para o sul. **Revista Tempo de Conquista**, v. 4, 2008.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**. O longo Caminho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2013.

DURAND, Gilbert. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. 5ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.

FAUSTO, Bóris. **História Concisa do Brasil**. 2ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

GODOY, Lauret. **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga**. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Corpo e Forma**. Ensaio para uma crítica não-hermenêutica. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. 180p.

_____. **Elogio da Beleza Atlética**. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

GUTTMANN, Allen. **Games and empires**: modern sports and cultural imperialism. Nova Iorque: Columbia University Press, 1994.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural na esfera pública**. Bauru: Editora da UNESP, 2014.

ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do Corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

MARCHELLI, Paulo Sergio. As minorias alfabetizadas no final do período colonial e sua transição para o império: um estudo sobre a história social e educação no Brasil. **Revista Educação Unisinos**, v. 10, n. 3, set.-dez. 2006.

MELO, Victor Andrade de. Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX. In: HOLLANDA, B. B.; MELO, V. A. (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, p. 21-51.

MOLLIER, Jean-Yves (trad. Marialva Barbosa). **Media e público, história de uma incompreensão durável**. Disponível em: <<http://www.unicentro.br/historiadamidia2011/conferencias/mollier-pb.pdf>>. Acesso em: 28 maio 2015.

PIVATO, Stefano. **Les enjeux du sport**. 1. ed. Firenze: Casterman-Giunti Gruppo Editoriale, 1994.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Campinas (SP): Papyrus Editora, 1994.

RUBIO, Katia. Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte** (Impresso), v. 24, p. 55-68, 2010

SENNET, R. **Carne e pedra**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.

YALOURIS, N. (Org.). **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga**: Olímpia Antiga e os Jogos Olímpicos. São Paulo: Odysseus, 2004.